
POESIA

Victor Hugo
POEMA SYNTHETICO
POR MUCIO TEIXEIRA

CANTO PRIMEIRO

Inter Divos

Só tenho uma coisa a fazer :
continuar e morrer.

(V. HUGO. — *Cesar que mata*
e Pedro que mente.)

I

Imagino o effeito deslumbrante
De um collar de mil pedras preciosas,
— Que fosse desfiado lentamente,
Gottejando brilhante por brilhante
Dentro de um vasto escriptorio transparente,
— Feridas as facêtas luminosas
Pelos raios do sol em pleno dia....

Ah! e nem mesmo assim eu poderia
Pintar ao vivo a intensa claridade
D'esse tremeluzir vertiginoso,
Phantastico, ideal, maravilhoso,
Reflectido por toda a immensidade!...



Coai toda a brancura das auroras
Atravéz do rubor das primaveras,
Quando ainda nas sombras da devesa
Não pipillão as aves mais sonoras,
Quando a terra parece um paraíso,
Nesse vago crepusculo indeciso
Em que geme e palpita a natureza
Entre os beijos de fogo das esferas,
Nos extasis de amor d'um arrebol!
E tereis, quando muito, conseguido
Reproduzir um raio esvaecido
Da infinidade dos clarões do sol!



Imaginai, porém, um collar vivo
De sóes, como este sol que nos anima!
Sim! porque além, nesse infinito acima
Ha de certo outros sóes e mais systemas
Planetarios tambem...

São os diademas

Da fronte do Sêr Unico, Immutavei,
Creador, Increado e Impalpavel !...

★

Conduzão-no ao Calvario...—o Redivivo !
Considerem-no Allah...— que nunca morre !
Sim ! chamem-no Vichnou, ou Dêva, ou Theos,
Sempre que eu soffro, a idéa que me occorre
E' de que existe um Deus !

II

O Todo Poderoso,

Com seu manto de azul, de sôes bordado,
Assenta-se no throno esplendoroso,
Por sobre o firmamento constellado.

★

Arrojadas columnas opalinas,
Sustentando uma cúpola brilhante,
Deixão vagar nas regiões divinas
Os sons da eterna musica distante
Do concerto phantastico dos mundos
Que gyrão pelos páramos profundos...

★

Cantão Anjos, passando alli por perto,

Com a graça das mãis, acalentando
Seus filhinhos, a rir de quando em quando...
E a voar — pelo azul do céu aberto —
Abrãção-se co'as azas, docemente,
Mas com tanta alegria e mimmo santo,
Que nem se ouve rumor; — e no entanto
Jehovah escutou distinctamente,
No leve perpassar da fresca aragem,
Esse roçar macio da plumagem
Das azas brancas longas, palpitantes,
Como uns flócos de neves fluctuantes...



Luzes, sons e perfumes se misturão
N'uma condensação mysteriosa;
Alli, a violeta, o lyrio, a rosa,
Todas as flôres dos vergeis sagrados.
Seus divinos effluvios mais apurão,
Embalsamando o ambiente rarefeito
— Onde palpitão corações e azas,
N'uns estremecimentos iriados...
Como um rumorejar que fosse feito
Por cinzas assopradas sobre brazas
Vívidas, crepitantes, purpurinas!...



Casão-se alli as notas argentinas

De milhares de sons imperceptíveis
Da harpa sonora do Universo,
Só na celeste acustica sensíveis,
N'uma subtil, phantastica surdina,
Transformadas em astro, e flôr, e verso !...

III

Anjos de azas abertas, palpitantes,
Voando sobre nuvens cambiantes,
Soprão clarins de prata !...
Erguem-se vozes claras, transparentes...
São risadas virginaes, contentes !
Como que o céu inteiro se dilata
Em ondas de alegria,
Para conter em si tanta harmonia !...



Aos clangores sonoros e vibrantes
Dos arejados, limpidos clarins,
Surge neste momento
O intemerato Archânjo Raphael,
— A' frente da legião dos Serafins —
Que empunhão os seus gladios flammejantes,
Mais bellos que Ariel !...



Tirando o capacete — de plumagens
Tremulas, multicores, luminosas,
Curvão-se os serafins, ajoelhados,
Pousando ao lado as armas victoriosas.

Aéreos coros rendem homenagens
Ao Pai dos bons—e Pai dos desgraçados!...

.....
Os rapidos cometas resplendentes
E as estrellas, não tremulas e incertas,
Mas rutilas, sem véo,
Suspendem o seu gyro harmonioso,
Para escutar no espaço silencioso
As musicas do céu!...

.....
A um aceno de Deus, tudo é silente ;
Não se escuta sequer um rumor brando ;
Como que tudo e todos adormecem...
Os varios instrumentos emudecem...
E os astros erradios vão gyrando
Vertiginosa e silenciosamente...

Raphael ajoelha-se por fim
No ultimo degrão d'ouro e marfim

Do throno do Senhor

E diz :— « Ser poderoso ! Deus do Amor !
Mixto de gloria e luz ! Tu, que não és
Só o que eu sei dizer, mas muito mais
Do que tudo que eu penso !... O' meu Senhor !
Eis-me aqui a teus pés !... »

— Levanta-te e responde, Raphael.

O Archanjo ergue-se e diz :— Falla, meu pai.

— Escuta, filho meu : porque não vejo

Aqui, como desejo,

O poeta do Céu, que anda exilado
Ha tanto, pelo abysmo de miserias,
Aonde as cousas unicas, sidereas,
Profanadas por Cesar e Mastai,
São levadas d'envolta no tropei

Dessas philosophias

Que não passam de estereis utopias ?...

Que faz *Elle* na terra ?

— Anda engolfado

Nesse profundo oceano de vaidades,

A recolher—mergulhador ousado—
As perolas occultas das verdades.

*

E espalhando-as, Senhor! por toda parte,
Em turbilhões de flôres e de sóes,
Transformou o seu lar n'um baluarte,
Onde defende os fracos, os vencidos
Que vão bater-lhe á porta—perseguidos
Por tyrannos, com máscaras de heróes!...

*

Outras vezes... caminha, solitario,
Queimando os pés nos areaes ardentes,
A regar com as lagrimas que chora

Essas mesmas sementes

Que nem com teu Divino Sangue, outr'ora
Brotarão, entre as sarças do Calvario!...

— Que venha !... Sua missão está completa.
Desce, meu filho, á treva... e dize á Morte
Que no seu vôo rapido transporte
Da Terra ao Céu o Sonhador-Propheta.

.....

Parenthese

Que importa que na lampada de argilla
Desmaie a Luz ?...

Na região tranquilla
Do vasto Céu — aberto, indefinido —
Um raio lampejou !... Porém tão breve
Que a mente a descrevê-lo não se atreve.

CANTO SEGUNDO

Primus inter pares

« Não sei que tenho... parece-me que vejo luz! Chegai-vos mais para ao pé de mim! Morro contente! »...

Apenas acabára de fallar, inclinára-se para traz...

Estava morto.

A noite era escurissima ; no céu não fulgia uma só estrella. Sem duvida, no meio daquella escuridão, pairava, de azas abertas, algum anjo immenso, esperando a alma daquelle justo para a conduzir ao céu !
(Victor Hugo—*Os Miseraveis.*)

I

O ultimo gemido,
O derradeiro arranco, a suprema agonia.

D'aquelle coração herculeo, não podia
Deixar de ter um eco enorme e prolongado
No peito universal, ha um seculo cansado
De sómente o applaudir ! batendo noite e dia
Ao forte latejar da immensa phantasia...
Sentindo o sangue em fogo a galopar nas veias
Ao calor e á luz do turbilhão de idéas
Do pensador profundo, incomparavel, forte,
Já immortal em vida ! inda immortal na morte !...



O' Mestre ! ó Grande Mestre !... Ao vêr-te frio e mudo,
Póde o mundo pensar que onde imperava tudo
Pernoita em fim o nada... e no emtanto, eu juro
Por ti, por Deus, por tudo o que ha de grande e puro,
Que nada se extinguiu, nem se extingue jámais :
O que foste,—inda és ; e o que és—sempre serás !..



Ora ! uma cruz de mais no chão d'um cemiterio,
E' uma onda, talvez, no Oceano do Mystério...
Para um corpo que vai-se, ha um que nome fica ;
A lei da evolução perfeitamente explica
Essa transformação eterna e permanente,
Que se analysa em tudo e todos igualmente.



Além disso, o que mais nos punge e martyrisa,
—A ferida fatal que nunca cicatriza—
E' a saudade : o pensar que nunca mais veremos
Uma imagem que nós no coração trazemos
Dia e noite comnoso... e que é tão bom revê-la,
Depois que a gente vê que já não pôde vê-la !...



Mas... tua imagem, Mestre ! antes de transformada
Em pó — já tinha sido em bronze perpetuada !...
Antes dessa final, subtil metamorphose,
Assististe de pé á propria apothéose !...

II

Que extranho funeral o desse extranho vulto !...



.....“.....



Toda a Raça Latina a tributar seu culto
De Amor e Gratidão ao Prodigio de Idéas
Que viveu a espalhar — Perdões e Epopéas !...



.....
*
E' condemnado á morte um estrangeiro ? Aonde ?
Rede por elle o povo ? O rei lhe não responde ? !
E approxima-se, ó Deus ! o tragico momento
Em que por esse pária ha de gemer o vento ? !...
Mas Victor Hugo falla... essa voz, pelos ares
Echôa, repetida em todos os lugares;
Pedio por elle ?... Então, salvou-o !

A tal pedido.

Não ha rei que não sinta o coração varrido
Por lufadas de luz de claridade extranha !

*
Se nas mãos d'elle, em sol, transforma-se uma aranha !
*
.....
*

Christo ! tu não és mais o unico na vida
A fazer refflorir a palma ressequida...
A vencer com a paz as multidões em guerra ;
A semear o bem nas solidões da terra ;
A ser ao mesmo tempo humilde e violento,
Meigo, justo, e fatal no austero julgamento !

•
E elle tambem chamava a si as criancinhas !
•

Aquella alma era o ninho em flôr das andorinhas
Que entre o berço e a escola andão em seus folguedos
Enchendo o nosso lar de risos e brinquedos,
E enchendo-nos de amor, de crenças, de alegrias,
Os nossos corações, — cofres das utopias —
D'onde emigrão tão cedo as aves das chimeras,
Em busca de outros sóes e de outras primaveras !...

•

Tu nos dêste a lição — e elle nos deu o exemplo.
•

Tambem azorragou os vendilhões do templo,
Tambem não consentio que a turba apedrejasse
A triste messalina...

E ai de quem ousasse
Desattendê-lo ! Então, fosse rei ou plebeu,
Sacerdote ou soldado, o misero — que o seu
Verso em braza marcasse em cheio alguma vez,
Havia de rugir até cahir-lhe aos pés !
Ou então, era exposto em livros triumphantes
Ao escarneo feroz dos povos mais distantes,

N'um carcere de fogo a arder constantemente ;
A Sátira,— que mata.... e vive eternamente !....

.....

III

Não se vê deslizar um prestito funéreo...

Não ousão esconder no chão d'um cemiterio
Quem encheu com seu nome o sécl'o, o universo !

Oceano ! já não ha quem faça mais um verso
Com a cadencia enorme e esse rythmo profundo
Com que andas noite e dia a cantar pelo mundo !...
Calou-se o teu rival !... — Emudeceu assim
Quem tinha como tu as perolas sem fim
Das doces illusões. . e as contas de coraes
Nos escriptorios de luz de uns novos ideaes !...
E as fortes convulsões, e os biblicos lamentos
Com que gemes, á noite, ao látego dos ventos !

Calou-se o teu rival, Oceano !... Mas, que importa ?
Tambem pegas no somno, em calmaria morta....

E não deixão, por isso, as rápidas correntes
De agitar do teu corpo os musculos dormentes.

*

Assim, nessa mudez do seu dormir profundo,
Elle escuta em silencio — os funeraes do mundo!...

IV

Que dantescas Visões contemplo com espanto!...

*

Esmeralda, a cantar... com lagrimas no canto !
Quasimodo, agachado, horrendo, furioso,
Fazendo trovejar o sino monstruoso
Da torre colossal da eterna *Notre-Dame*!...
Claudio-Fröllo, mordido, a sós, pelo enxame
Das vésperas da luxuria,... a pensar na cigana,
Blasfemando, — no templo!...

E á luz meridiana,

Nas ruas de Pariz, *Phébus*, feliz, contente,
Ao galope febril do seu cavallo ardente!...

*

Mais longe... *João Valjean*, e *Javert*, e *Fantina*...
Elles, os máus... tão bons! Ella, a infame... heroína!...

*

E Mario, a conduzir *Cosetta*, a bem amada,
Pelos vergeis em flor da eterna madrugada!...

Escuto os ais de dor da canalha indefeza...
Emquanto passa, a'rir, cantando a *Marselheza*,
O *Gravóche* — ideal! esplendido! atrevido! —
Que, querendo viver como qualquer bandido,
Morre como um heróe! nas pedras da calçada,
Como expira *Eponina*, em plena barricada!...

Vejo um palacio accêso; e nelle se adivinha
Que *Ruy-Blas* se ajoelha aos pés de uma Rainha...
Ou então, no jardim da noite do noivado,
Como o dobrar de um sino, *Hernani*, horrorisado,
Sente a fatal bozina ao longe restrugir...
Que *D. Sol* escuta — e elle não quer ouvir!...

Mas são tantas e taes as creações estranhas,
Brilhantes como sóes, altas como montanhas,
Que eu mal posso avistar, na extrema latitude,
Atravéz do Oceano encapellado e rude,
A sombra de *Gilliat* — nos rochedos medonhos...
E essa ventosa — a *pieuvre*... a *Pieuvre*, só dos sonhos!...

E' essa a procissão, que pára neste instante
Ao pé do Pantheon, —mas que vai para diante !..

Mucio TEIXEIRA.

Rio, 25 de Maio de 1885.